



EÇA DE QUEIROZ (1845-1900) E A ESPANHA: CRÔNICAS, CARTAS E ROMANCES

EÇA DE QUEIROZ (1845-1900) AND SPAIN: CHRONICLES, LETTERS AND NOVELS

DENISE ROCHA

Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO

O objetivo do estudo “Eça de Queiroz (1845-1900) e a Espanha: crônicas, cartas e romances”, é apresentar, de um lado, aspectos da sua percepção a respeito do “Francesismo” e do “Iberismo”; bem como a sua visão política sobre a questão colonial da Espanha em Melilha (Marrocos Espanhol), nas Ilhas Carolinas (Pacífico Ocidental) e em Manila (Filipinas). Além de sua opinião como Cônsul, em Havana, sobre as crises de Cuba (Antilhas Espanholas): a Guerra de Dez anos (1868-1878), uma luta em prol da independência, e a questão dos imigrantes chineses (chins ou coolies), empregados contratados para as lavouras, oriundos de Macau que tinha jurisdição portuguesa. E, de outro, analisar as obras literárias que têm temas ligados à história cultural e colonial da Espanha e à sua gente: *A Capital* (1875 e 1876); *A Catástrofe* (c. 1879); *A Tragédia da Rua das Flores* (1877 e 1878), *Os Maias* (1888); *O Tesouro* (1894); *O Defunto* (1895) e *A Ilustre Casa de Ramires* (1897). A pesquisa será realizada sob a perspectiva da imagem de Burke.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA PORTUGUESA; EÇA DE QUEIROZ; ESPANHA; IMAGEM.

ABSTRACT

The aim of the study “Eça de Queiroz (1845-1900) and Spain: chronicles, letters and novels” is to present, on the one hand, aspects of his perception of “Frenchism” and “Iberism”; as well as his political views on the Spanish colonial question in Melilla (Spanish Morocco), the Caroline Islands (Western Pacific) and Manila (Philippines). In addition to his opinion as Consul in Havana on the crisis in Cuba (Spanish Antilles): the Ten Years’ War (1868-1878), a struggle for independence, and the issue of Chinese immigrants (Chinese or coolies), employees hired for the crops, coming from Macau, which had Portuguese jurisdiction. And, on the other hand, to analyse the literary works that have themes linked to the cultural and colonial history of Spain and his people: *The Capital* (1875 and 1876); *The Catastrophe* (c. 1879); *The Tragedy of Rua das Flores* (1877 and 1878), *The Maias* (1888); *The Treasury* (1894); *The Defunct* (1895) and *A Ilustre Casa de Ramires* (1897). The research will be carried out from the perspective of Burke’s image.

KEYWORDS: PORTUGUESE LITERATURE; EÇA DE QUEIROZ; SPAIN; IMAGE.

INTRODUÇÃO



Fig. 1– *O nosso Cónsul em Havana (Nuestro Consul em la Habana)*. Elmano Sancho como Eça de Queiroz.

Série de televisão. 2019. Direção de Francisco Manso

José Maria Eça de Queiroz (1845-1900) refletiu sobre o “Francesismo”, o fascínio que a França exercia sobre Portugal, bem como a respeito do “Iberismo”, o desejo da fusão entre os lusos e os espanhóis, ecoado entre membros da Geração de 70, conhecida como a Geração de Coimbra, que foi um movimento cultural, político e renovador da paisagem literária com a introdução do Realismo. Um dos objetivos do grupo literário, inicialmente constituído por Antero de Quental (1842-1891), Oliveira Martins (1845-1894) e Eça, era indicar os males econômicos, políticos, sociais e morais de Portugal, a fim de se conceber uma nova nacionalidade.

Em relação à Espanha monarquista- colonial e suas ocupações de outros territórios na América Latina, bem como no norte da África e na Ásia, Eça expressou-se em cartas, narrativas e crônicas, que foram publicadas no *Distrito de Évora*, nas *Farpas*, e na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. A história da Espanha esteve pouco presente na obra jornalística e ficcional do escritor português se for comparada àquelas dedicadas à da Alemanha, à da Inglaterra e à da França.

Eça de Queiroz foi nomeado cônsul de 1ª Classe de Portugal, no dia 16 de março de 1872, por João de Andrade Corvo, Ministro dos Negócios Estrangeiros, para atuar em Havana, capital de Cuba.

Esta ilha, juntamente com Porto Rico e as Ilhas Venezuelanas, situadas no arquipélago das Antilhas Espanholas, eram pertencentes à Espanha (1492 a 1898). Aos 27 anos, ele partiu de Lisboa em 9 de novembro e tomou posse de seu cargo no dia 20 de dezembro de 1872. Somente 15 meses depois, em 20 de março de 1874, Eça foi transferido para o Consulado de Newcastle.

Liliana Coelho em, *O Eça combativo e humanista nunca foi esquecido em Havana*, enfatiza que o cônsul escritor português participou do lançamento do leitorado de Portugal na Universidade de Havana, onde instituiu a Cátedra Portuguesa e fundou no consulado, uma biblioteca que tem o seu nome, além de ter celebrado parcerias com organizações cubanas na área de música e da literatura (COELHO, 2019, p. 1). Em Havana, o escritor escreveu o conto, *Singularidades de uma rapariga loura*, que foi publicado no *Diário de Notícias*, de Lisboa.

Em 2019 foram celebrados os 100 anos das relações diplomáticas entre Portugal e Cuba, e foi exibida a série de televisão, *O nosso Cônsul em Havana*, com direção de Francisco Manso. Ele pesquisou relatórios de Eça enviados a Lisboa, excertos de cartas escritas para Ramalho Ortigão e documentos cedidos pela Fundação Eça de Queiroz. Além de ter recebido o apoio do Instituto Diplomático e do Ministério de Negócios Estrangeiros (MNE).¹

O objetivo do estudo “Eça de Queiroz (1845-1900) e a Espanha: crônicas, cartas e romances“, é apresentar, de um lado, aspectos da sua percepção a respeito do “Francesismo“ e do “Iberismo“; bem como sua visão política sobre a questão colonial da Espanha em Melilha (Marrocos Espanhol), nas Ilhas Carolinas (Pacífico Ocidental) e em Manila (Filipinas). Além de sua opinião como Cônsul, em Havana, sobre as crises de Cuba (Antilhas Espanholas): a Guerra de Dez anos (1868-1878), uma luta em prol da independência, e a questão dos imigrantes chineses (chins ou coolies), empregados contratados para as lavouras, oriundos de Macau que tinha jurisdição portuguesa. E, de outro, analisar as obras literárias que têm temas ligados à história cultural e colonial da Espanha, e à sua gente: *A Capital* (1875 e 1876); *A Catástrofe* (c. 1879); *A Tragédia da Rua das Flores* (1877 e 1878), *Os Maias* (1888); *O Tesouro* (1894); *O Defunto* (1895) e *A Ilustre Casa de Ramires* (1897). A pesquisa será realizada sob a perspectiva da imagem de Burke.

¹ Mário Quartin Graça em, *Eça de Queiroz em Havana*, indicou a importância do legado literário do escritor português em Cuba na contemporaneidade, ao mencionar Ángel Lázaro (1900-1985), que na revista *Carteles* (1919-1960), afirmou: “Eça de Queiroz foi um escritor que influiu muito beneficentemente na literatura e no jornalismo cubano da nossa época“. (LÁZARO *apud* GRAÇA, 2013, p. 1)

1-HISTÓRIA, IMAGEM E LITERATURA (BURKE)

O registro histórico verbal e visual, que está estruturado em formas de narrativas, reais e ficcionais, é tema da obra *Testemunha ocular: história e imagem*, do autor inglês Peter Burke, o qual enfatiza, que as representações devem ser usadas para compreensão de outras épocas, e que elas não devem ser consideradas somente reflexões de períodos e locais, mas sim extensões dos contextos sociais nos quais foram produzidos. Em relação à sociedade de Portugal sobre a França e à Espanha, segundo Eça de Queiroz, destacam-se os conceitos de “Francesismo” e de “Iberismo”, em revelações de encontros e desencontros.

Para Burke, as imagens, como evidência do passado, são “indícios”, os quais se comunicam, e que podem ser novas testemunhas na reconstrução de tempos antigos: “[...] as imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular”. (BURKE, 2004, p. 17).

Na imagem do “outro”, a questão da alteridade da Espanha e do povo espanhol em obras de Eça de Queiroz, verifica-se que o encontro entre duas culturas, especificamente, as ibéricas, provoca reações variadas: surpresa, fascínio, rejeição e até mesmo o fortalecimento do sentimento de superioridade.

2- PORTUGAL ENTRE O “FRANCESISMO” E O “IBERISMO”

No ensaio biográfico e literário, *O Francesismo*, José Maria Eça de Queiroz, a partir de sua vida em Lisboa e suas experiências infantis na casa da sua avó paterna, onde desenvolveu o gosto pela literatura francesa, explica a tradição portuguesa arraigada e incontestável em absorver as tendências culturais da França. Neste texto escrito, provavelmente, em 1890, o autor afirma: “HÁ JÁ LONGOS ANOS que eu lancei esta fórmula: - *Portugal é um país traduzido do francês em vernáculo*“. Ele questiona tal costume de subordinação cultural somente ao estrangeiro francês: “Para além da França nada se conhece - e é como se, literariamente, o resto da Europa fosse uma vasta charneca muda, sob a bruma. Da nossa vizinha Espanha, nada sabemos. Quem conhece aí os nomes de Pereda e de Galdós?”. (EÇA DE QUEIROZ, 2000, p. 2116). Eça refere-se aos escritores José Maria Pereda (1833-1903) e a Benito Pérez Galdós (1843-1920).

A representação da Espanha - história, cultura e gente- foi associada no século XIX, em Portugal, ao movimento intelectual denominado de “Iberismo“, que evocava a época da anexação portuguesa à União Ibérica, nos anos 1580 a 1640, depois da morte do rei D. Sebastião.

A Geração de 70, à qual Eça de Queiroz pertence, conforme já referenciado, ocupou-se, por meio de reflexões, atitudes e textos, com a possibilidade da cristalização da “questão ibérica”. É preciso enfatizar, que Eça não simpatizava, como Antero de Quental com o “Iberismo“,² que era um desejo/movimento de fusão entre Portugal e a Espanha: o ideal de integração de Portugal num todo peninsular, que no século XIX atravessou a mente de importantes figuras da intelectualidade portuguesa, entre os quais Antero, parece não ter merecido por Eça qualquer credibilidade. (MATOS, 1998, p. 382).³

Em *Os Maias*, João da Ega zomba sobre os temores daqueles portugueses que tinham o receio de serem assimilados pela Espanha: “Evidentemente, dizia ele, invasão não significa perda absoluta de independência. Um receio tão estúpido é digno só de uma sociedade tão estúpida como a do Primeiro de Dezembro“:⁴ (EÇA DE QUEIROZ, 1998, p. 136). Eça prossegue:

Não havia exemplo de seis milhões de habitantes serem engolidos, de um só trago, por um país que tem apenas quinze milhões de homens. Depois ninguém consentiria em deixar cair nas mãos da Espanha, nação militar e marítima, esta bela linha da costa de Portugal. Sem contar as alianças que teríamos, a troco das colônias – das colônias que só nos servem, como a prata de família aos morgados arruinados, para ir empenhando em casos de crise... Não havia perigo, o que nos aconteceria, dada uma invasão, num momento da guerra europeia, seria levarmos uma sova tremenda, pagarmos uma grossa indenização, perdermos uma ou duas províncias, ver talvez a Galiza estendida até ao Douro. (EÇA DE QUEIROZ, 1998, p. 136)

² O Iberismo, que foi o projeto de construção de um Estado Ibérico, iniciou-se no século XVIII com o espanhol José Marchena, autor de *L’Avis aux espagnols*. Trata-se de uma doutrina com elementos progressistas, federais e republicanos. O Iberismo, foi intensificado, no século XIX, pelos movimentos socialistas, liberais, maçônicos e republicanos, que se apoiavam no Risorgimento Italiano e na Unificação Alemã. As organizações secretas liberais espanholas, durante o triênio liberal (1820-1823), tinham o plano para estabelecer cinco republicas federadas na Espanha e duas em Portugal (Lusitânia Ulterior e Lusitânia Citerior). Na época do Sexênio Revolucionário espanhol, o movimento alcança o seu auge com Joan Prim i Prats que foi assassinado em 1870. Com a proclamação da Primeira República Espanhola (1873-1874), o Iberismo recobrou sua importância. (IBERISMO, s.d., p. 1)

³ Maria da Conceição M. Pereira no artigo, *Iberismo e Nacionalismo em Portugal. Da Regeneração à República. Entre a Utopia e a Distopia*, enfatiza:

Nem a política de Lisboa, nem a de Madrid entraram ingenuamente neste enlace de conveniência, mas sob o ponto de vista do imaginário português é curioso realçar como a questão espanhola continuava a ser um acutilante instrumento político, um tema fracturante. A imprensa lusa denunciava com insistência os intuítos conquistadores dos espanhóis, reiterava que os dois povos continuariam a odiar-se cordialmente, cada um em sua casa. (PEREIRA, 2010, p. 282)

⁴ Paulo. B. Rodrigues Ferreira em, *Iberismo, hispanismo e os seus contrários: Portugal e Espanha (1908-1931)*, mencionou:

O medo do “perigo espanhol“ persistiu. Espaço onde se cruzaram anti-iberistas e muitos dos que recusavam a intromissão “excessiva“ dos espanhóis nos assuntos portugueses, a Comissão 1º de Dezembro garantia que, por mais campanhas iberistas ou hispanistas que houvesse, por mais portugueses que aderissem a esse tipo de ideais, estaria sempre pronta a defender os interesses da pátria. (FERREIRA, 2016, p. 134)

2.1- CARTA AO CONDE DE ARNOSO (13 DE AGOSTO 1891)

Nos últimos anos do século XIX, Eça ainda não apoiava a inclusão de Portugal em um aglomerado político-territorial que teria a chancela e o monopólio espanhol, na época da revolta republicana do Porto (31 de janeiro de 1891). Ele manifestou, em carta de 13 de agosto do mesmo ano, ao conde de Arnos, Bernardo Pinheiro Correia de Melo (1855-1911), seu temor pela possibilidade da proclamação da República lusa. Tal mudança radical ocasionaria uma intervenção da Espanha em assuntos internos e, a consequente perda da soberania portuguesa: “Com o triunfo da revolução – eu creio que Portugal acabou. Só o escrever isto faz vir as lágrimas aos olhos – mas para mim é quase certo que a desapareição do Reino de Portugal há-de ser a grande tragédia do fim do século”. (EÇA DE QUEIROZ *apud* MATOS, 1998, p. 382).

A situação política colonial da Espanha no norte da África foi também tema de críticas para o escritor, conforme o teor desta missiva ao Conde de Arnos (1891), e do artigo *O Teatro dos Acontecimentos*, publicado na *Gazeta de Notícias* (1894).

3-EÇA, CÔNSUL EM CUBA (1872 A 1874)



Fig. 2- Eça em Havana

Nomeado como Cônsul para Cuba, em 16 de março de 1872, Eça de Queiroz irritou-se com o governo da Espanha, pois teve que esperar em Cádiz até o início de novembro do mesmo ano, para receber os documentos necessários, a fim de ocupar o posto consular, em Havana, onde permaneceu até 1874, com uma interrupção para tratamento de saúde nos E.U.A.

Durante a sua estada em Cuba, Eça fez, de um lado, a defesa dos *coolies*,⁵ imigrantes chineses de Macau, colônia portuguesa, que viviam quase escravizados nas plantações cubanas açucareiras. E, de outro, pouco se pronunciou sobre a Guerra dos Dez Anos (1868-1878), em prol da independência de Cuba, ameaçada também pelos interesses da Grã-Bretanha, e dos E.U.A., que disputavam entre si, a posse do território insular. Esse conflito colonial cubano, que se estendeu por mais duas guerras contra o colonizador espanhol: a Guerra Chiquita (1879-1880) e a Guerra de Independência Cubana (1895-1898).

3.1-A EXPLORAÇÃO DOS chineses de MacAU NAS PLANTAÇÕES CUBANAS



Fig. 3- Chins em Cuba

No ano de 1817, um tratado anglo-espanhol tornou ilegal o tráfico de escravos, que somente foi abolido em 1886. A ilha de Cuba, havia se tornado a maior produtora de cana de açúcar da América e precisava de mão de obra substitutiva daquela dos escravizados africanos.

Como Cônsul, Eça de Queiroz era responsável pela situação dos imigrantes chineses, os *coolies* [*culies*], em Cuba, pois eles embarcavam em Macau, que era colônia portuguesa, com papéis legais ali expedidos em contrato de oito anos. A situação desses trabalhadores estrangeiros, que eram súditos portugueses, era de tal modo deplorável que o cônsul revoltou-se com o governo espanhol tentou melhorar as condições trabalhistas deles.

Eça escreveu a respeito da “verdadeira miséria dos coolies com a sua vida de trabalhadores nas plantações” e acusa o desrespeito total à preservação dos direitos humanos deles: “O coolie, esse

⁵ O conceito *coolie* (*cooly*, *culi*, *kuli*, *quli*, *koeli*) é usado para designar trabalhadores braçais oriundos da Ásia, especialmente da China (Hong Kong e Macau) e da Índia durante o século XIX e o início do século XX. (COOLIE, s.d., p. 1).

é uma simples máquina, indefesa e servil, que se procura arrancar, por bem ou por mal, a maior soma de trabalho e de utilidade, enquanto ela pode respirar e mover-se”. (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v. 3, p. 2075). No ano de 1873, Andrade Corvo, Ministro da Marinha e do Ultramar, proibia a emigração de Macau.

Chineses e Japoneses foi o título de uma crônica publicada na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, entre 1 e 6 de dezembro de 1894, na qual Eça afirma sobre a identidade dos coolies: “Toda a sua sensibilidade é moral, e assim, na Havana, o castigo terrível e verdadeiramente doloroso que se impõe ao chinês é cortar-lhe o rabicho. O rabicho é o símbolo exterior da sua dignidade”. (EÇA DE QUEIROZ, 2000, p. 1385).

No Relatório apresentado ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, João de Andrade Corvo, de 9 de novembro de 1874, Eça de Queiroz escreveu com detalhes sobre a importância da emigração moderna. O título *A Emigração como força colonizadora*, foi extraído do último parágrafo do texto:

Estudadas as feições da emigração livre, a história dos seus movimentos, as suas causas, as suas consequências económicas, as suas relações com o Estado, e a possibilidade da sua organização universal, - discutida a emigração assalariada, nas suas correntes, e nos seus resultados sociais, - eu julgo terminado este trabalho, que é a afirmação, - e direi mesmo, - a apologia, da emigração como força civilizadora. (EÇA DE QUEIROZ, 2000, p. 2084)

3.2-A QUESTÃO COLONIAL ESPANHOLA NA AMÉRICA, NA ÁFRICA E NA ÁSIA

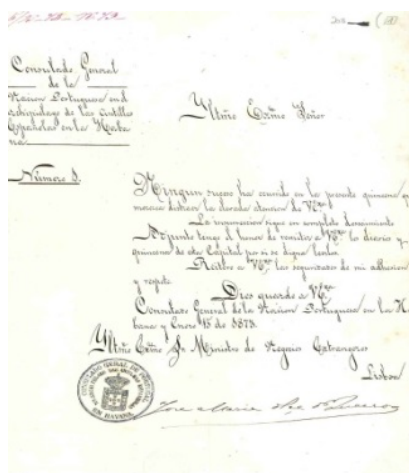


Fig. 4- Ofício de Eça para Andrade Corvo, Ministro dos Negócios Estrangeiros, sobre as insurreições ocorridas em Cuba (15 jan. 1873). Consulado de Portugal em Havana, 1872. AH-IDI. Caixa 677

O Cônsul Eça de Queiroz observou os movimentos de independência de colônias espanholas nas Antilhas, que se intensificaram no durante o século XIX, e no final deste, somente, restaram para a Espanha as colônias de Cuba, Porto Rico, Espanhola e Ilhas Venezuelanas⁶ (Caribe), e as ilhas Filipinas (Ásia).

Em sua estadia, nos anos 1872 a 1874, em Havana, Eça vivenciou momentos da Guerra de Dez anos (1868-1878) contra o domínio espanhol, que se intensificou entre os Estados Unidos da América e a Espanha até a independência de Cuba e de Porto Rico, no ano de 1898.

No artigo, *As relações EUA-América Latina: Cuba e a guerra com a Espanha*, Antonio Bianchet Jr. e Sidnei J. Munhoz enfatizam que esse último conflito evoluiu para a Guerra Hispano-Americana, iniciada com a destruição do navio militar USS Maine, em Havana, ainda colônia espanhola. Os Estados Unidos da América acusaram a Espanha de sabotagem, e exigiram que ela concedesse a independência de Cuba. A recusa intensificou os conflitos, que cessaram após a rendição espanhola, e a tomada de posse da ilha pelos E.U.A. até 1902. (BIANCHET JR.; MUNHOZ, 2011, p. 410-413).

A Nicarágua se tornou independente no ano de 1821, e teve sua primeira constituição, em 1826, sendo integrada às Províncias Unidas da América Central (Guatemala, Honduras, El Salvador e Costa Rica). No entanto, os liberais da cidade de León, e os conservadores, de Granada, rivalizavam-se pelo poder, e por isso, o norte-americano William Walker foi nomeado presidente do país (1856 e 1857). Manágua foi escolhida para ser capital, em 1857 (HISTORIA DE NICARÁGUA, s.d, p.1), mas os conflitos não terminaram; alguns insurgentes imigraram para Cuba, levaram ideias republicanas e foram perseguidos. [O acossamento dos insurgentes de Manágua preocupa Vitor, o protagonista republicano do romance *A Tragédia da Rua das Flores*].

Tal estado de ocupação neocolonial terminou com o Tratado de Paris (1902), segundo o qual a Espanha renunciou à sua soberania sobre Cuba, Porto Rico e Filipinas⁷. (GUERRA, s.d., p. 1). [No romance *A Tragédia da Rua das Flores* é mencionada, de forma sutil, a questão da imigração espanhola para as Filipinas].

⁶ Essas colônias tornaram-se independentes no século XIX: Ilhas Venezuelanas (Venezuela, 1811, reconhecida em 1845); Ilha de Espanhola, parte oriental, denominada de República Dominicana (1865); Cuba (1898); e Porto Rico (1898, hoje Estado Livre Associado dos Estados Unidos da América). (ANTILHAS ESPANHOLAS, s.d., p. 1)

⁷ No ano de 1570, o tenente Martín de Goiti, depois de combates contra o rajá muçulmano, Suleiman II, conquistou Cavite e começou a construção de um forte. Manila foi fundada por Miguel López de Goiti, em 24 de junho de 1571, localizada foi evangelizada pelos agostinhos, franciscanos, dominicanos e jesuítas, que no ano de 1601, fundaram um seminário para nobres. (MANILA, s.d., p. 1)

No contexto da guerra imperialista dos Estados Unidos da América, contra a Espanha colonialista, em suas possessões nas Antilhas, no continente americano, e nas Filipinas asiáticas, Eça escreveu ao seu filho José Maria, em 2 de maio de 1898. O escritor, perante a eminente derrota da dinastia dos Filipes, expressou desejo de sucesso para os espanhóis:

Est-ce vous parlez beaucoup des Espagnols? J'espere que vous tous, vous êtes pour ces chers Espagnols. Aujourd'hui tout Le monde ici est bien chagrin à cause de la nouvelle bataille sur mer, dans les Philippines [...]. mais comme les Espagnols sont de si brave marins, et si villants, nous esperons qu'ils prendront as revanche. (EÇA DE QUEIROZ, 1992, p. 84 e 85).

4- A CRÔNICA A ESPANHA- O HEROÍSMO ESPANHOL- A QUESTÃO DAS CAROLINAS- OS ACONTECIMENTOS DE MARROCOS⁸ (1894)

No referido ensaio político, publicado na *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro), na edição de 4 e 5 de janeiro de 1894, com o título de *O teatro dos acontecimentos* (A Espanha), Eça escreveu a propósito de movimentos de independência no norte da África, em domínio espanhol, bem como sobre a Alemanha que tomou posse das Ilhas Carolinas.

No início do texto, escrito no final de 1893, o autor destaca, de forma irônica, a estranha coragem e o exaltado patriotismo dos espanhóis:

A Espanha é hoje, na Europa, a última nação heroica; - pelo menos é a última onde os homens, publicamente, e nas coisas públicas, se comportam com aquela arrogância, e bravura estridente, e magnífica imprudência, e soberba indiferença pela vida, e desdém idealista de todos os interesses, e prontidão no sacrifício, que constituem, ou nos parecem constituir, o tipo heroico (porque nem os dicionários nem as psicologias estão bem de acordo sobre o que é um herói). [...]

Onde o espanhol se mostra único, é no desprendimento com que sacrifica todos os interesses, desde que se trate da honra da Espanha. Aí invariavelmente reaparece o sublime D. Quixote. [...]

Para o espanhol a Pátria é o bocado de terra que os seus olhos abrangem, e que ele ama como se ama uma mulher, com um amor ciumento e carnal. Esse amor cria nele naturalmente a ilusão: - e o Manchego e o Navarro, que habitam duas das mais feias e tristes regiões da Terra, não as trocariam pelo Paraíso, porque nada lhes parece realmente tão formoso e radiante como a Mancha ou a Navarra. Eu já vi um homem, e muito inteligente, que era de Mérida (um dos mais lúgubres buracos do mundo),

⁸ Publicada, inicialmente, com o título de *O Teatro dos Acontecimentos*, na *Gazeta de Notícias* (1894). Depois como *A Espanha- O heroísmo espanhol- A Questão das Carolinas- Os acontecimentos de Marrocos*, em *Ecos de Paris*.

declarar, muito seriamente e convicto, que Paris, como monumentos e interesse, e brilho, *no valia Mérida!* [...]

A isto se chama ordinariamente a exageração espanhola. Não! É apenas a cândida ilusão de um patriotismo transcendente. (EÇA DE QUEIROZ, 1979, v. 2, p. 1173 a 1175).

4.1- A QUESTÃO DAS ILHAS CAROLINAS (1876 E 1885)

No nordeste da Nova Guiné, região da Micronésia, localizam-se as Ilhas Carolinas, um arquipélago no Oceano Pacífico, que foram ocupadas pelos espanhóis em 1527. O nome atual foi uma homenagem prestada pelo Almirante Francisco Lazeano ao rei Carlos II da Espanha, no ano de 1686. Os alemães haviam ocupado a ilha de Yap, e somente, em 1875, a Espanha declarou a sua posse da terra. (YAP, s.d. p. 1). Antes da decisão papal, os espanhóis, segundo Eça, se manifestarem, apesar de não saberem sobre a existência dessas ilhas:

[...] Mas os jornais contavam que a Espanha fora ofendida: e Madrid inteiro, todas as classes e todas as idades, fidalgos, carreteiros, toureiros, padres, magistrados, velhos, crianças de escola, senhoras e servas, tudo correu para praticar o acto mais imediato e mais urgente: ultrajar a bandeira alemã, matar o embaixador alemão, arrasar o edifício da embaixada da Alemanha. E depois a guerra! Não havia tropas? Cada homem seria um soldado! Não havia armas? cada um tomaria o seu cajado ou a sua navalha! Não havia dinheiro? as mulheres empenhariam até a cruz do pescoço. E através deste delírio, ninguém ainda percebia onde eram as Carolinas [...]. (EÇA DE QUEIROZ, 1979, v. 2, p. 1176).

O governo alemão pediu a arbitragem do Papa Leão XIII sobre essa questão que, em 1885, decidiu a favor da autoridade espanhola, mas permitiu aos alemães os direitos de comércio livre. (YAP, s.d., p. 1). Após a Guerra Hispano-Americana, a Espanha vendeu (1899), as ilhas para a Alemanha por 25 milhões de pesetas (cerca de um milhão de libras).

Eça de Queiroz, que escreveu a crônica, em 1894, evocou, de forma irônica: “A Alemanha realmente, perante aquela explosão magnífica da velha alma castelhana, empalidecera“. A Espanha saiu “da aventura mais engrandecida, mais consciente da sua grandeza, e cercada das admirações do mundo. É que nada se impõe aos homens como a afirmação heróica de um sentimento justo“. (EÇA DE QUEIROZ, 1979, v. 2, p. 1176).

4.2- CONFLITOS NO MARROCOS ESPANHOL (1893)

A Espanha tinha no norte da África pontos fortificados, como Tetuão, Ceuta e Melilha, esta cercada por serranias povoadas por Rifés ou Rifinhos, que eram súditos do Sultão de Marrocos. O governador de Melilha, General Margallo, expandiu as terras, sob sua jurisdição, para construção de um forte que avançou por um antigo cemitério dos muçulmanos. Os ofendidos explicaram a ele que o ato era “uma invasão material e moral do seu território“. O general não recuou, as obras foram destruídas duas vezes, os rifinhos atacaram o destacamento militar espanhol e roubaram dois canhões e uma bandeira. Nos embates, Margallo foi assassinado com três balas, inclusive um infante Borbon foi atingido. Eça comentou a repercussão na capital da Espanha:

[...] Madrid inteiro correu ao palácio, aos ministérios gritando por vingança e guerra. Todo o homem válido se quis alistar como voluntário. Para que não faltasse dinheiro (e o Governo não o tem), o Banco de Espanha ofereceu oitenta milhões, as grandes casas fidalgas prometeram largos donativos, as próprias igrejas desejavam dar as suas alfaías. A Espanha toda rompeu numa outra das suas sublimes explosões de patriotismo. [...]

Eu, pelo menos acho sublime este patriotismo veemente, todo este nobre *arranque*. Heróica Espanha! Deus lhe dê ventura! Ainda que os mouros do Rife, com o seu piedoso amor pelo seu velho cemitério, não deixam de ser interessantes...

E assim, em pleno século XIX, temos de novo, como no Romancero, a Cruz contra o Crescente, e a Espanha na sua antiga e laboriosa ocupação de *matar los moros*. (EÇA DE QUEIROZ, 1979, v. 2, p.1177 e 1178).

O escritor Eça de Queiroz, para atacar o processo de expansão imperialista dos Estados Unidos da América, que abrangeu Cuba, nas Antilhas espanholas, e as Filipinas, na Ásia, defendeu a potência espanhola, ocultando a questão da busca de independência desses povos colonizados pela Espanha, no chamado Marrocos espanhol.

5- IMAGENS DA ESPANHA NA OBRA DE EÇA DE QUEIROZ

A Espanha, história cultural, colonial e social, surge em algumas narrativas de Eça: *A Capital* (1875 e 1876); *A catástrofe* (c. 1879); *A tragédia da Rua das Flores* (1877 e 1878), *Os Maias* (1888); *O tesouro* (1894); *O defunto* (1895) *S. Frei Gil* e *A Ilustre Casa de Ramires* (1897).

As imagens veiculadas nessas narrativas evocam paisagens geográficas, históricas e culturais medievais e modernas espanholas, que revelam, segundo Peter Burke, evidências do passado. Trata-

se de “indícios”, que podem ser “testemunhas na reconstrução de tempos antigos”. (Burke, 2004, p. 17).

O panorama literário escolhido para a escrita de alguns contos de Eça de Queiroz segue a tradição de Alexandre Herculano, que transportou a essência de algumas narrativas para a Ibéria medieval: Em *O Tesouro*, a ação ocorre no reino das Astúrias; a narrativa *O Defunto* aborda a vida de D. Rui de Cardenas, na Segóvia, no século XV; e o conto *S. Frei Gil* apresenta a trajetória de D. Rui de Valadares, Senhor de Mortágua e Gonfalom, residente perto de Vouzela.

Em obras escritas depois de *A tragédia da Rua das Flores* (1877 e 1878), Eça aborda, de forma sucinta, temas ligados à história cultural e colonial da Espanha, e à sua gente: *A Capital* (narrativa publicada em 1925); *A catástrofe* (baseado no projeto *A Batalha do Caia*), cujo tema nuclear é a invasão de Portugal pela Espanha. Além de *Os Maias*; *A Ilustre Casa de Ramires* (1897) e *A tragédia da Rua das Flores* (1877 e 1878), publicada somente no ano de 1980.

Artur Corvelo, o protagonista de *A Capital* é um provinciano iberista, que ama a bela espanhola Concha, a qual o trai. Desesperado, ele odiou a Espanha:

Quis adormecer: não podia: a ideia de que ela, àquela hora, delirava, doida, nos braços de Manolo, - de que nos intervalos de lubricidade, com os corpos lassos, muito unidos, caçoavam dele, riam, chamavam-lhe o – asno português, dava-lhe um ódio cortado dum pungente ciúme carnal – que o fazia torcer-se sobre o enxergão, dar punhadas no travesseiro. Como Melchior, odiou a Espanha. Oh, se houvesse uma guerra! Com que júbilo de vingança iria pelo país, lançando proclamações, armando aldeias, arremessando contra a fronteira massas esmagadoras de patriotas! E decidiu-se a escrever folhetins sobre a Espanha “pondo-a mais rasa que a lama!” (EÇA DE QUEIROZ, 1992, p. 359).

Em *Os Maias*, povoado de *cocottes* espanholas, Eça aborda, novamente, a questão da regeneração de Portugal, que seria alcançada por meio de uma catástrofe, gerada por uma incursão espanhola. Durante um jantar no Hotel Central, de Lisboa, Cohen, diretor do Banco Nacional, disse para João da Ega, que Portugal necessitava de reformas. Ega, entretanto, declara, solenemente, que Portugal “não necessita de reformas, do que precisa é da invasão espanhola”. (EÇA DE QUEIROZ, 1998, v. 1, p. 136).

Em *A Cidade e as Serras*, ao opor a supercivilização fútil de Paris com a vida simples no campo, Eça reforça a mudança de comportamento do protagonista Jacinto, antes leitor do *Fígaro* e de Georges Ohnet, que opta, conscientemente, pela escrita de Cervantes, uma atitude observada por José Fernandes, que constata: “ele findava o *D. Quixote*, e ainda eu lhe escutava as derradeiras risadas

com as coisas deliciosas, e decerto profundas, que o gordo Sancho lhe murmurava, escarranchado no seu burro”. (EÇA DE QUEIROZ, s.d., p. 178).

Na sua última obra ficcional, *A Ilustre Casa de Ramires* (1897), Eça retoma a questão da regeneração de Portugal, a partir de uma invasão espanhola.

Fradique Mendes na *Carta IV à Madame S.*, escrita em fevereiro, de Paris, sugere à ela que poderia aprender o espanhol com um nativo: ”chama-se Don Ramon Covarubia, mora na Passage Saulnier, 12, e como é aragonês, e portanto sóbrio, creio que com dez francos por lição se contentará amplamente”. Em relação ao aprendizado de literatura espanhola de Raul, filho dela, Fradique comenta:

Mas, se seu filho já sabe o castelhano necessário para entender os *Romanceros*, o *D. Quixote*, alguns dos Picarescos, vinte páginas de Quevedo duas comédias e Lope de Veja, um ou outro romance de Galdós, que é tudo quanta basta ler na literatura de Espanha, para que deseje minha sensata amiga que ele pronuncie esse castelhano que sabe com o acento, o sabor e o sal de um madrileno nascido nas veras pedras de Calle Mayor? Vai assim o doce Raul desperdiçar o tempo que a sociedade para adquirir ideias e noções (e a sociedade a um rapaz da sua fortuna, do seu nome e da sua beleza, apenas concede, para esse abastecimento intelectual, sete anos, dos onze aos dezoito anos) em quê? No luxo de apurar até a um requinte superfino, e supérfluo, o mero instrumento de adquirir noções e ideias. (EÇA DE QUEIROZ, 1997, v. 2, p. 16).

A Espanha aparece na obra jornalística e ficcional de José Maria Eça de Queiroz, em diferentes compartimentos e sensorialidades, e sempre em menor intensidade, que aquelas dedicadas à da França, à da Inglaterra e à da Alemanha, conforme já mencionado anteriormente.

5.1-CULTURA, HISTÓRIA E BELEZA ESPANHOLA EM *A TRAGÉDIA DA RUA DAS FLORES* (1877- 1878)

Elementos espanhóis foram evocados, com mais detalhes que as obras citadas anteriormente, no romance *A Tragédia da Rua das Flores* que foi escrito quando Eça atuava no Consulado de Portugal, em Newcastle, na Inglaterra.

Nesse romance,⁹ Eça evoca a tumultuada trajetória de Joaquina, uma simples dona de casa e mãe, que abandonou seus familiares, e se tornou uma requintada cortesã, conhecida como Madame

⁹ O romance *A tragédia a Rua das Flores* foi escrito nos anos 1877 e 1878. Em cartas ao seu editor Ernesto Chardron, e a seu amigo Ramalho Ortigão, Eça mencionou que a temática era a do incesto, e foi desaconselhado a publicar essa obra. No ano de 1925, seu filho José Maria concordou com a publicação de alguns inéditos, inclusive, o do romance sobre o

Genoveva de Molinex. Natural de Guarda, ela se casou com Pedro da Ega com quem foi viver em Lisboa. Abandonou o esposo e o filho pequeno para ir viver com um espanhol na terra natal dele, onde ficou sozinha, pobre e enferma. Ao retornar, abastada e com outra identidade a Lisboa, ela conheceu Vitor, de 23 anos, com quem teve um relacionamento íntimo muito profundo. O tio do rapaz informou a Genoveva que ela seria a mãe dele. Desesperada, ela se lançou pela janela do 3. andar e morreu. Vitor nunca soube do vínculo com a genitora.

Nessa narrativa, escrita em 1877 e 1878, o autor delinea a paisagem sociocultural de Lisboa, inundada por apresentações de ópera, opereta e de mágica (teatro musical satírico), nos Teatros da Trindade, de São Carlos, das Variedades e D. Maria II. Na capital, a emigração espanhola se faz notar pela beleza, sedução e impetuosidade das pessoas.

O panorama artístico da Espanha é reconhecido, pelo pintor Camilo Serrão, retratista e responsável pela ornamentação do proscênio da sala de espetáculos do Teatro das Variedades, que dizia convicto: “Velazquez – é o melhor historiador da Espanha, e da corte altiva, mística, triste na etiqueta”. (EÇA DE QUEIROZ, 1980, p. 210).

Algumas imagens socioculturais e políticas espanholas surgem: mulheres e homens belos e impetuosos, em Lisboa; viagem de Joaquina com um espanhol para realizar sonhos de amor e refazer o lar desfeito rumo a Madri; abandono dela em uma aldeia do norte espanhol; além dos temas, a perseguição de republicanos de Manágua, em Cuba; e a emigração espanhola para Manila, nas Filipinas. Cuba, Nicarágua e Manila erma colônias espanholas na época.

5.1.1- SERENATA À ESPANHOLA (CACHUCHA) NA GUARDA

A presença cultural da Espanha se faz presente, com a tradição das serenatas, na Guarda, localizada perto da Serra da Estrela. A jovem Joaquina (futura Madame Genoveva de Molinex), filha de Maria Silvéria, era linda e fascinante. Dois irmãos da família Ega a amavam: O mais velho, Timóteo, tentou uma aproximação, e de viola na mão, debaixo da janela, improvisou uma serenata à espanhola, e cantou uma espécie de cachucha que estava na moda: “*Señorita usted que tiene/ Amarilla la color...*”. (EÇA DE QUEIROZ, 1980, p. 67). A música acompanha uma dança sapateada homônima, popular no século XIX.

amor fatal, que seria realizada pela Editora Lello & Irmão. Mas o clã eciano recuou novamente. Somente, em 1980, depois que o manuscrito tornou-se propriedade do estado, a obra foi publicada.

O afoito e galanteador Timóteo levou um balde de água fria e teve uma pleurisia. Seu irmão Pedro teve mais sorte, casou-se com Joaquina, e foram para Lisboa, onde a jovem esposa e mãe se apaixonou por um estrangeiro espanhol. O amargurado esposo narrou para o irmão, que era juiz em Angola, sobre o seu infortúnio:

Viveram na Rua do Crucifixo, e defronte morava um rapazola espanhol, emigrado. Uma manhã, dois meses depois do nascimento do pequeno, antes mesmo do seu batizado, Pedro partira para a caça [...]. – e quando voltou, encontrou um bilhete, na letra garrafal da Joaquina. Adeus, esquece-me, porque o meu destino leva-me para longe”. E mais nada. (EÇA DE QUEIROZ, 1980, p. 72).

Enlouquecida de amor, Joaquina abandonou tudo - esposo, filhinho e reputação- viajou para a Espanha, empenhada em viver sua felicidade, em uma atitude egoísta de esposa e mãe. Em suas recordações, Genoveva/Joaquina, quando regressou à capital de Portugal, retornou ao passado, na época em que foi abandonada pelo amante: “Via-se numa triste e antiga cidade de Espanha, no Norte, tremendo de febre, num quarto de estalagem – que ficava junto a uma igreja, cujos sinos, badalando a todas as horas, lhe faziam no cérebro como ruídos fúnebres de eternidade”. (EÇA DE QUEIROZ, 1980, p. 72)

A rica prostituta Genoveva tinha reminiscências de sua convalescença no norte da Espanha, quando ainda era Joaquina:

Depois quando ela estava melhor, e se podia sentar à janela, lembrava a triste rua, de largas lajes, as gelosias esguias das janelas da frente, o almocreve que parava à porta da estalagem, com seu lenço de seda amarrado na cabeça, as mulas carregadas de odres: raparigas, de pé nervoso, passavam com seus corpetes, gestos quebrados de cintura, a mantilha apertada sobre os ombros: sujeitos embrulhados em capas, de bandas de veludo escarlate, iam, com o cigarro na boca: e os canônicos dirigiam-se à Sé com o seu ventre convexo, as abas redondas no chapéu em forma de telha. [...]. (EÇA DE QUEIROZ, 1980, p. 87 e 88).

Inconsolável, o jovem esposo Pedro partiu para Madri, em busca da fugitiva, a fim de restabelecer o matrimônio e a maternidade de Joaquina, e depois foi até os Pirineus:

[...] em busca da fugitiva: para Madrid. É claro que não era uma jornada de perseguição... Estive em Madrid dias... ou três horas tristes, num quarto triste de la *Fonda de la Nobleza*: enfim!... cada capa à espanhola que me roçava pelo ombro, cada *caramba!* que me passava aos ouvidos faziam-me bater o pulso!... Enfim! De Madrid escrevi a alguns amigos da Guarda, ao Magalhães, aos Vaz, que partia para os Pirenéus *com minha mulher*, que estava doente, coitada... E fui para os Pirenéus: lá andei oito meses: pescava trutas à linha, no Gave: é divertido. Por fim, tornei a

escrever ao Vaz, ao Magalhães, etc. que minha mulher morrera. De facto para mim estava morta [...]. (EÇA DE QUEIROZ, 1980, p. 72 e 73).¹⁰

5.1.2- O CHARME DAS ESPANHOLAS

O Teatro da Trindade é o núcleo do primeiro capítulo da obra, que se inicia com o segundo ato da ópera, *Barba Azul*, de Offenbach que é interrompido com a entrada triunfal, em um camarote, da bela e elegante Madame Genoveva de Molineux, antiga Joaquina, *cocotte* internacional, proveniente da França, que está à busca de um novo amante, e conhece o ocioso Dâmaso, e o advogado indolente Vitor, órfão, que vivia às custas do tio Timóteo, juiz aposentado.

De binóculo, em punho, no Teatro da Trindade, Genoveva olhava os demais compartimentos dos ricos, e notou que: “Havia um camarote ruidoso, apinhado de espanholas caiadas”. (QUEIROZ, 1980, p. 45). Apresentada para o futuro primeiro amante, em solo português, Dâmaso, ela:

[..] quis saber quem eram aquelas senhoras que estavam no vinte da segunda ordem. Eram as raparigas espanholas: tinham camélias em penteados disformes, camadas de pó-de-arroz nas caritas redondas; a cada momento a porta do camarote batia; e elas cochichavam, agitavam-se desesperadamente os leques, e, debruçadas, sondavam o balcão, a plateia, com olhares devoradores; e, de repente, para parecerem, imobilizavam-se em atitudes duma rigidez idiota.

Dâmaso olhou, sorriu, fez-se embaraçado, quis ser maligno.

- São...- E com um francês de sílabas escancaradas:

- São o *Démi-Monde*.

- Ah! - E Madame... tomou tranquilamente o binóculo, demorou-o sobre as espanholas. – Uma não é feia, disse.

- A Lola! Exclamou involuntariamente Damaso. Mas mordeu o beijo, fez-se escarlate. (EÇA DE QUEIROZ, 1980, p. 57 e 58)

¹⁰ O sonho de Joaquina acabou, ela foi abandonada, sem recursos; arranjou um amante francês e foi infeliz; seguiu para a Inglaterra, onde começou a carreira de prostituta refinada e rica, aprendeu a tocar piano, a fazer equitação, mas tudo abandonou para correr atrás de ouro sonho de amor, que não se realizou, mas que a levou a criar uma nova identidade, a de Genoveva, que nasceu na Ilha da Madeira, e que nunca pisou em Lisboa. Arrumou um senador rico e viúvo, Mr. de Molineux, e incorporou sua pose de nobre arrogante e o nome. Depois do falecimento dele, novamente sem bens, ela arrumou um brasileiro, e chegou a Lisboa, mas não o acompanhou ao Brasil. Foi ao Teatro da Trindade e conheceu Dâmaso e Vitor, o qual se tornaria seu amante, sem saber que era seu filho biológico.

O narrador destaca no romance, a agitação e a beleza das espanholas, dessas prostitutas, e de outras, que não exerciam essa profissão, e fascinavam da mesma maneira os portugueses, como Vitor, e um jovem provinciano, Gonçalo Cabral. Este era formado em Direito e fazendeiro e ia, nos invernos à capital, a qual achava: “corrupta como uma babilônia e atraente como um paraíso”. Ele tinha “um fraco - o desejo ambicioso de ser conhecido em Lisboa – e o apetite secreto de levar para a província uma espanhola, - que ele julgava a mais alta expressão de luxo libertino, e da beleza humana”. (EÇA DE QUEIROZ, 1980, p. 364 e 365).

A Espanha do protagonista Vitor tinha três facetas: a da beleza feminina, a da capital encantadora, e a da política colonial opressora. Enciumado por Genoveva ter firmado o vínculo com Dâmaso, Vitor: “seguindo a tradição romântica de que as contrariedades dos amores ideais se devem esquecer com os amores libertinos – foi cear ao Mata, com uma espanhola; uma Mercedes, bela mulher de Málaga, que se dizia filha dum general, afectava modos aristocráticos, comendo tudo com a mão, e lambendo os dedos depois”. (EÇA DE QUEIROZ, 1980, p. 184).

Vitor pensou em viajar, a fim de espairer: “Veio-lhe um entusiasmo súbito: os planos, as esperanças precipitaram-se no seu espírito: iria por terra, veria Madrid: via-se já no *boulevard*, jantando nos cafés históricos, aplaudindo as peças ilustres, vendo passar na rua os gênios: talvez alguma mulher o amasse – porque não?”. (EÇA DE QUEIROZ, 1980, p. 322).

Após a publicação da carta de Dâmaso, com pedidos de desculpa para Vitor, pelos xingamentos a ele proferidos por causa do abandono de Genoveva, surgiu um parente do antigo amante, que se chamava Casimiro Valadares, o qual narrou que: “Tinha tido havia quinze anos um desafio com um emigrado espanhol, em que fora ferido nos dedos”. Casimiro incitava Dâmaso a um duelo cm Vitor, pois: “considerava-se e era considerado um entendido em questões de ponto de honra, e um mestraço nessa história toda de pendências entre cavaleiros”. (EÇA DE QUEIROZ, 1980, p. 387).

Em luto pelo suicídio de Genoveva, que tinha se desesperado, quando o juiz Timóteo, o tio do rapaz, com quem tinha planos de matrimônio, a visitou e a reconheceu, revelando a verdade aniquiladora, Vitor viajou a Madri, rumo a Paris, para se recordar da amada, sem jamais ter sabido, que ela era sua mãe, a qual acreditava estar morta.

5.1.3- GUERRAS DE INDEPENDÊNCIA EM CUBA, NA NICARÁGUA E NAS FILIPINAS

No ambiente glamuroso dos teatros e da sociedade requintada de Lisboa são evocados temas da política externa espanhola: as guerras de independência em Cuba e na Nicarágua. Apesar do fascínio exercido pela cultura da Espanha e pela sedução latente das mulheres em Vitor, ele: “tinha uma vaga política sentimental. Odiava os Espanhóis, batendo, em Cuba, os insurgentes de *Manágua*”. (EÇA DE QUEIROZ, 1980, p. 65).

O processo de envio de rapazes, provavelmente soldados, para defesa dos interesses espanhóis nas Filipinas, que também era uma colônia espanhola na Ásia, é mencionado nas atitudes de uma mãe saudosa que cuidou de Joaquina, doente em uma pequena aldeia no norte da Espanha: “Uma velha de pente de tartaruga, cor de pergaminho.” Essa senhora solitária: “sentada ao pé dela, entretinha-se, sobre uma mesinha, à luz dum alto candeeiro de latão, a deitar as cartas para saber a sorte dum filho, que embarcara para Manilha”. (EÇA DE QUEIROZ, 1980, p. 73).

CONCLUSÃO

O estudo “Eça de Queiroz (1845-1900) e a Espanha: crônicas, cartas e romances”, é apresentou, sob a perspectiva de Burke sobre a imagem, visões do autor sobre o “Francesismo”, o “Iberismo”, a questão colonial da Espanha em Melilha (Marrocos Espanhol), nas Ilhas Carolinas (Pacífico Ocidental) e em Manila (Filipinas); além das crises coloniais de Cuba (Antilhas Espanholas): a Guerra de Dez anos (1868-1878), e a questão dos imigrantes chineses (chins ou coolies). Eça expressou seu repúdio à exploração trabalhista de chineses, em Cuba, e teve relativa compreensão da política espanhola em incidentes ocorridos em áreas de jurisdição colonial da Espanha, mas encravadas dentro de um território autônomo maior, no norte da África, entre outros aspectos.

Para Eça de Queiroz, o legado espanhol cultural - pintura, literatura, música e cultura - é destacado, como ponto de absorção positiva em Portugal, que já foi subjugado nos anos 1580-1640 pela Espanha, mas que sonhou, na Geração de 70, com uma união igualitária da Ibéria.

Em algumas narrativas de Eça de Queiroz são reveladas paisagens da Ibéria na Idade Média (*O Tesouro* (1894); *O Defunto* (1895) e *São Frei Gil*) e na Idade Moderna (*A Capital* (1875 e 1876); *A Catástrofe* (c. 1879); *A Tragédia da Rua das Flores* (1877 e 1878), *Os Maias* (1888); e *A Ilustre Casa de Ramires* (1897)). O escritor revelou destacou, em seus romances, sempre a aparência e a

sensualidade das mulheres e dos homens da Espanha. Não se trata simplesmente de um estereótipo banal, que implica questões negativas e redutoras, mas sim o reconhecimento até a atualidade, do charme e da beleza da gente da Hispania, formada por tantas raças e etnias.

Alguns elementos da cultura e da história espanhola foram evocados no romance *A tragédia da Rua das Flores*: Em Lisboa, a emigração espanhola (a beleza, a sedução e a impetuosidade das pessoas); e em Portugal: a tradição de serenatas amorosas e a música cachucha (Timóteo da Ega para Joaquina); o reconhecimento do valor da pintura de Velasquez, e do espetáculo arquitetônico e cultural da capital espanhola. E a capital Madri surge como objeto de viagens de amor (Joaquina/Genoveva), de desespero (Pedro da Ega, o marido abandonado) e de luto (Vitor, depois do suicídio de Genoveva). Em uma aldeia nortenha da Espanha é revelada a piedade e generosidade de uma anciã anônima com a estrangeira portuguesa, Joaquina, abandonada, e enferma de corpo e alma. A senhora tem saudades de seu filho embarcado e incomunicável em Manila.

Nesse mesmo romance, Eça de Queiroz critica a política de colonização espanhola: o sistema de recrutamento e as preocupações de uma mãe solitária com seu filho emigrado para as Filipinas, sem enviar notícias; e as críticas do republicano Vítor sobre o sistema de opressão vigente, na colônia espanhola Cuba, contra os dissidentes de Manágua.

As imagens sobre a Espanha e suas colônias selecionadas por Eça de Queiroz, como Cônsul, em Havana, em crônicas, cartas e correspondência diplomática, além daquelas destacadas em sua obra narrativa, revelam facetas de uma ideologia da época, o Iberismo, bem como a alteridade – positiva e negativa- sobre os espanhóis. Tais representações, históricas e ficcionais. Trata-se de "testemunho ocular", uma concepção de Peter Burke, sobre textos e testemunhos orais, que evidenciam uma forma de evidência histórica (Burke, 2004, p. 17).

REFERÊNCIAS

ALCALÁ, César. *Escravos chineses em Cuba*: a promessa de trabalho transformada em exploração. *El Debate*, 23 abr. 2022. Disponível em: <<https://www.eldebate.com/historia/20220423/realidad-desconocida-esclavos-chinos-cuba.html>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

ANTILHAS ESPANHOLAS. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Antilhas_Espanholas>. Acesso em: 11 nov. 2022.

BIANCHET JR., Antonio B.; MUNHOZ, Sidnei J. As relações EUA-América Latina: Cuba e a guerra com a Espanha. *III Encontro Nacional de Estudos da Imagem*. Londrina PR, p. 404-414, 3 a 6 mai. 2011.

BORGES, Sonia. Nomeação de Eça de Queiroz para Cônsul em Havana a 16 de Março de 1872. *iD Instituto Diplomático*, 9. mar. 2018. Disponível em: <<https://idi.mne.gov.pt/pt/arquivo-e-biblioteca/documentos-e-efemerides/nomeacao-de-eca-de-queiroz>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Trad. de Vera Maria Xavier dos Santos e revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004.

COELHO, Liliana. O Eça combativo e humanista nunca foi esquecido em Havana. *Expresso 50. Arquivo Diário*, 16 jun. 2019. Disponível em: <<https://expresso.pt/dossies/diario/2019-07-16-O-Eca-combativo-e-humanista-nunca-foi-esquecido-em-Havana-1>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

COOLIE. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Coolie>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

EÇA DE QUEIRÓS. *Chineses e Japoneses*. Prefácio de Orlando Grossegeisse. Lisboa: Cotovia, Fundação Oriente, 1997.

EÇA DE QUEIROZ, José Maria. *A Arte de ser Pai: Cartas de Eça de Queiroz para os seus Filhos*. Lisboa: Verbo, 1992.

_____. *A Capital! (Começos Duma Carreira)*. Edição de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.

_____. *A Cidade e as Serras*. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.

_____. *A Correspondência de Fradique Mendes*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1997. v. 2- Cartas.

_____. A Emigração como Força Civilizadora. In: _____. *Obra completa*. Org. geral, fixação dos textos autógrafos e notas introdutórias de Beatriz Berrini. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. v. 3. p. 1996-2084.

_____. A Espanha- O Heroísmo Espanhol- A Questão das Carolinas- Os acontecimentos de Marrocos. In: _____. *Ecos de Paris. Obras de Eça de Queiroz*. Porto: Lello, 1979. p. 1173-1178.

_____. *A Tragédia da Rua das Flores*. Fixação do texto e notas de João Medina e A. Campos Matos. Prefácio de João Medina. Lisboa: Moraes Editores, 1980. Inclui: Carta de José Maria Eça de Queiroz [Filho] aos editores José e António Lello (1924); Propaganda de lançamento do romance pela Editora Lello & Irmão (1925); e Notas ao texto.

_____. *As Cidades e as Serras*. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.

_____. *Cartas e outros Escritos*. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.

_____. *Ecos de Paris*. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.

_____. O Francesismo. In: _____. *Crônicas e Cartas*. Apres. e seleção de João Bigotte Chorão. Lisboa: Gris Impressores, 1972. p. 81- 101.

_____. *Obra completa*. Org. de Beatriz Berrini. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. v. 3.

_____. *Obras de Eça de Queiroz*. Porto: Lello, 1979.

_____. *Os Maias*. Porto: Lello & Irmão, 1980. v. 1.

FERREIRA, Paulo. B. Rodrigues. *Iberismo, hispanismo e os seus contrários: Portugal e Espanha (1908-1931)*. Doutorado, 2016. Programa de Pós-Graduação em História com especialidade em História Contemporânea, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/22974/1/ulsd072479_td_Paulo_Ferreira.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2022.

GRAÇA, Mário Quartim. Eça de Queiroz em Havana. 30 abr. 2013. *Raiz e Utopia*, Centro Nacional de Cultura. Disponível em: <<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/170399.html>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

GUERRA DE INDEPENDÊNCIA CUBANA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_de_Independencia_Cubana>. Acesso em: 11 nov. 2022.

IBERISMO. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Iberismo>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

MANILA. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Manila>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

MATOS, A. Campos (Org. e coord.). *Dicionário de Eça de Queirós*. 2 ed. rev. e aum. Lisboa: Editorial Caminho, 1993.

PEREIRA, Maria da Conceição M. Iberismo e Nacionalismo em Portugal. Da Regeneração à República. Entre a Utopia e a Distopia. *Revista da História das Ideias*. Faculdade de Letras, Lisboa, v. 31, p. 257-284, 2010. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/53834/2/cmeirelespereiraiberismo000120585.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

YAP. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Yap>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

ICONOGRAFIA

Fig. 1- *O nosso Cônsul em Havana (Nuestro Consul em la Habana)*. Elmano Sancho como Eça de Queiroz. Série de televisão. 2019. Direção de Francisco Manso. Disponível em: <<https://expresso.pt/dossies/diario/2019-07-16-O-Eca-combativo-e-humanista-nunca-foi-esquecido-em-Havana-1>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

Fig. 2- Eça em Havana. Disponível em: <<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/170399.html>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

Fig. 3- Chins em Cuba. Disponível em: <https://imagenes.eldebate.com/files/main_image/uploads/2022/04/22/6262db3663427.webp>.

Fig. 4- Ofício de Eça para Andrade Corvo, Ministro dos Negócios Estrangeiros, sobre as insurreições ocorridas em Cuba (15 jan. 1873). Consulado de Portugal em Havana, 1872. AH-IDI. Caixa 677. Disponível em:

<<https://idi.mne.gov.pt/images/efemerides/NomeacaoEcaQueiros/008.jpg>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

VIDEOGRAFIA

A TRAGÉDIA DA RUA DAS FLORES. FILME COMPLETO. Roteiro de Del Rangel. Brasil. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BU3ARCp3QME>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

A TRAGÉDIA DA RUA DAS FLORES. Adaptação do romance homônimo de Eça de Queirós por Luís de Pina e de Ferrão de Katzenstein. RTP 1. Portugal. 1983. Episódio 1. Disponível em:

<<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-tragedia-da-rua-das-flores-episodio-01-parte-i/>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

O NOSSO CÔNSUL EM HAVANA. Série (7 jun. -20 set. 2019). Direção de Francisco Manso. RTP 1. Portugal. Episódio 1. Disponível em: <<https://www.rtp.pt/play/p5909/e470356/nosso-consul-em-havana>>. Acesso em: 11 nov. 2022.